



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**CAMPUS III**

**CENTRO OSMAR DE AQUINO**

**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**ONILDO LINS DE VASCONCELOS JUNIOR**

**TÍTULO: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE HISTÓRIA: A EJA E SEUS  
DESAFIOS**

**GUARABIRA – PB**

**2023**

ONILDO LINS DE VASCONCELOS JUNIOR

**TÍTULO: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE HISTÓRIA: A EJA E SEUS  
DESAFIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciado em História.

**Orientadora:** Luciana Calissi

GUARABIRA – PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

V331e Vasconcelos Junior, Onildo Lins de.  
Uma experiência no ensino de História [manuscrito]  
: a EJAe seus desafios / Onildo Lins de Vasconcelos  
Junior. - 2023.  
36 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro  
de Humanidades, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Luciana Calissi,  
Coordenação do Curso de História - CH. "

1. Estágio supervisionado. 2. Regência. 3.  
Ensinopresencial. 4. EJA. I. Título

21. ed. CDD 981

ONILDO LINS DE VASCONCELOS JUNIOR

**TÍTULO: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE HISTÓRIA: A EJA E SEUS  
DESAFIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de História do Centro de  
Humanidades da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito à obtenção do título de  
Licenciado em História.

Aprovado em: 30/11/2023.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr.ª Luciana Calissi (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dra. Joedna Reis de Meneses (examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno  
(examinador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedicação especial – se quiser.

## AGRADECIMENTOS

Como Católico e Cristão, quero demonstrar minha gratidão ao Bom Deus, por me conduzir até aqui com saúde, por me fortalecer, restaurar e iluminar nos momentos em que a desistência passou pela cabeça, e as atribulações chegaram para me fraquejar. Foi uma jornada árdua e longa, na qual tive que me empenhar bastante, para poder superar os obstáculos.

Agradecer à minha Genitora, Rosilene Bezerra da Costa, por sempre estar ao meu lado, investindo em mim, me incentivando a continuar, passou por momentos bons e ruins comigo, cuidando de mim desde a infância até aqui. Ao meu Pai, Onildo Lins de Vasconcelos, que soube nos momentos certos, animar, para que a tristeza não viesse a me sucumbir.

À Professora Luciana Calissi, pela dedicação e paciência para comigo, e pelas leituras sugeridas ao longo dessa Orientação.

A todo o Corpo Docente do Curso de Licenciatura em História da UEPB, Campus III, onde eu pude assistir aula, pelo incentivo e paciência dedicados a minha pessoa. Aos funcionários da UEPB, em especial os da Coordenação do Curso de História, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos Colegas do Curso pelos momentos de amizade e apoio, - houve momentos em que tivemos que nos ajudar bastante -, só gratidão.

## **RESUMO**

Este trabalho apresenta questionamentos e reflexões sobre minha experiência em Estágio Supervisionado em História. Abrange observação inicial sobre o espaço escolar e posteriormente uma análise sobre a regência na escola. A escola que me acolheu para essa vivência, através da professora Priscila, foi a EMEF Duarte da Silveira, em João Pessoa – PB. A minha experiência como futuro professor se desenvolveu no segundo semestre de 2022, junto a EJA (Educação de Jovens e Adultos), quando tentamos mostrar por meio desta, a situação na escola, e tentar trazer algo que pudesse contribuir para a compreensão dessa modalidade de ensino, sabendo que não somos nenhum “salvador da Pátria”. As reflexões aqui apresentadas foram baseadas em leituras prévias realizadas em sala de aula na disciplina de Estágio Supervisionado II. Os principais autores abordados foram, Sandra Agostini, Caio Boschi, Selma Garrido Pimenta, Maria Olivia Oliveira e Crislane Azevedo. O principal objetivo foi perceber a importância de nossas atividades de Estágio para a melhor compreensão e valorização da EJA e do ensino de História nessa modalidade de ensino.

**Palavras-chave:** Estágio Regência. Ensino Presencial. EJA.

## **ABSTRACT**

This work presents questions and reflections about my experience in a Supervised Internship in History. It covers initial observation of the school space and subsequently an analysis of governance at the school. The school that welcomed me for this experience, through teacher Priscila, was EMEF Duarte da Silveira, in João Pessoa – PB. My experience as a future teacher developed in the second semester of 2022, together with EJA (Educação de Jovens e Adultos), when we tried to show through this, the situation at school, and try to bring something that could contribute to the understanding of this modality of teaching, knowing that we are not some “savior of the Fatherland”. The reflections presented here were based on previous readings carried out in the classroom in the Supervised Internship II discipline. The main authors covered were Sandra Agostini, Caio Boschi, Selma Garrido Pimenta, Maria Olivia Oliveira and Crislane Azevedo. The main objective was to realize the importance of our Internship activities for a better understanding and appreciation of EJA and the teaching of History in this teaching modality.

**Keywords:** Regency Internship. In-person teaching. EJA.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. Estágio Supervisionado e a EJA: compreendendo o contexto de ações no ensino de história. ....</b>	<b>12</b>
<b>3. O Estágio: a experiência e seus desafios.....</b>	<b>19</b>
<b>3.1 A Experiência como possibilidade – uma narrativa reflexiva.....</b>	<b>21</b>
<b>3.2 Desafios e possibilidades.....</b>	<b>27</b>
<b>4. Considerações.....</b>	<b>29</b>
<b>5. Referências.....</b>	<b>32</b>
<b>6. ANEXOS.....</b>	<b>34</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de minha experiência como estagiário do curso de História, no Estágio Regência, realizado na EMEF Duarte da Silveira, localizada na Rua: Marieta Araújo Nascimento, 338 – Costa e Silva, João Pessoa – PB. As atividades ali desenvolvidas me possibilitaram realizar questionamentos e reflexões acerca do ensino na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, a partir das quais apresento aqui uma narrativa que fala um pouco de meu aprendizado nessa trajetória.

A instituição escolar que me acolheu se localiza em uma região que podemos considerar como periférica da cidade, ou seja, é distante da região central, onde há carências na comunidade. Trata-se, portanto, de um ambiente que enfrenta diversos tipos de desafios e me fez pensar sobre a minha realidade, uma vez que moro nas proximidades e conheço o ambiente. Assim, a escolha dessa escola foi também pela facilidade de acesso a mesma. É importante sempre destacar que o meu contato com esse espaço escolar se deu com o máximo de cuidado e de respeito. Não sabia como seria a recepção pela escola (Funcionários, professores e alunos), mas eu fui muito bem acolhido, e pude com a ajuda principalmente da Professora responsável, desempenhar um bom Estágio de Regência, e desenvolver as minhas aulas com muita calma e tranquilidade. A Escola funciona nos três horários, porém, por conta de questões de trabalho, estagiei no período noturno, junto a EJA, sendo recebido pela direção e pela professora da disciplina de História.

Embora essa minha “escolha” tenha se feito pela questão de disponibilidade de horário e localização acessível, percebi como era importante conhecer melhor essa modalidade de ensino. Eu tenho um respeito muito especial pela EJA uma vez que já tive oportunidade de trabalhar junto a modalidade em outro momento de minha vida, e sei como é mais ou menos passar o dia trabalhando e a noite juntar forças para estudar, não é fácil; passar o dia também cuidando da família e a noite estudar, também não é. Ter força de vontade para ir em busca de conhecimento e de talvez um futuro melhor, é de se respeitar. Assim, essa experiência me auxiliou no autorrespeito pois até hoje eu também passo o dia trabalhando e tento me restaurar para poder concluir esse curso; estamos na luta.

A inquietação ou problematização que guiou minhas reflexões se refere aos desafios enfrentados por professores e alunos da EJA, ou seja, como as pessoas envolvidas nesse ensino conseguem superar a falta de estrutura e de apoio, quando por exemplo, se constata

que não há material didático para todos. Será que conseguem, minimamente atingir o objetivo de dar oportunidade para pessoas menos favorecidas, fora da idade padrão escolar, terem acesso a algum tipo de conhecimento significativo em História? O objetivo principal aqui foi tentar responder algumas questões levantadas a partir dessa experiência. Outra questão relevante se refere ao ensino de História: qual a concepção por parte do alunado em relação a disciplina de História?

Esse trabalho foi de grande valor para perceber a importância de nossas atividades de Estágio para a melhor compreensão da EJA e do ensino de História nesse contexto de tantos desafios. Essa experiência foi fundamental para o aprimoramento de minha visão sobre a educação, confrontando o que sabia com o que mudou depois da mesma e das leituras sobre o tema, e ainda o que poderia fazer como futuro professor para melhorar o ensino de História nessa modalidade educacional.

A metodologia adotada, portanto, foi uma análise qualitativa de minha experiência de estágio a partir de um estudo bibliográfico e de discussões em sala de aula. Entre os autores e autoras estudados/as destaco Sandra Agostini e Elison Paim, além de Selma Pimenta, que discutem o Estágio Supervisionado e suas contribuições para os licenciandos. Também Crislane Azevedo quando nos fala sobre a importância do planejamento docente. Caio Boschi como autor que ajuda a refletir sobre a importância da história e conseqüentemente de seu ensino, e Inês Oliveira que contribuiu para uma perspectiva histórica sobre a EJA.

Este trabalho se divide em etapas. Além dessa Introdução, em “Estágio Supervisionado e a EJA: compreendendo o contexto de ações no ensino de História”, faço uma pequena discussão sobre a importância do Estágio Supervisionado e sobre a EJA como modalidade de ensino. Já na Unidade subsequente, “O Estágio: a experiência e seus desafios”, faço uma reflexão sobre minha experiência em Estágio na EJA, e, por fim, apresento minhas considerações sobre toda essa trajetória.

Tentei produzir um trabalho com clareza e jamais com intenção de julgar qualquer profissional, aluno, ou ambiente escolar; apenas foram observações necessárias para diagnóstico, junto com as nossas primeiras aulas, as quais precisamos fazer. O Estágio representa vivências que precisamos ter no curso, e que querendo ou não, nos ajudam, ou ajudarão também a desempenhar um futuro bom trabalho, pois é vivendo e aprendendo, lembrando que estamos em uma Graduação de Licenciatura em História, ou seja, vamos ser Professores e estaremos dentro do ambiente escolar.

## **2. Estágio Supervisionado e a EJA: compreendendo o contexto de ações no ensino de história**

Como minha análise se construiu a partir da experiência em Estágio Supervisionado II, tenho que destacar a importância do Estágio, a sua contribuição para a minha formação profissional; com ele é possível aprimorar e desenvolver metodologias/didática aprendidas na Graduação, no Ensino Superior, no nosso caso Licenciatura. Eu costumo falar que, quanto mais espontâneo o professor for, melhor vai ser para os alunos entenderem. O Estágio proporciona um contato maior com a área que você vai atuar no futuro. Já tendo essa experiência, além de adquirir também criatividade, um trabalho mais sistematizado, aprimorando também a observação, e comunicação.

Nesse sentido, o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta sim, objeto de práxis. Ou seja, é no contexto da sala de aula, da escola do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá. (PIMENTA; LIMA, 2011, p. 45).

O Estágio é uma prática que contribui também para entender nossas dificuldades, onde você pode buscar seu aprimoramento. Além disso, o Estágio é bom para você conhecer um pouquinho sobre a organização da Escola, sobre os valores e diretrizes, facilitando assim a sua integralização, e melhorando o seu relacionamento humano e social.

A disciplina de Estágio em História é importante, na medida em que ela nos apresenta o campo de trabalho do professor no caso, de História. Essa disciplina nos ajuda a entender a diferença de Teoria (Pesquisa, observação), e Prática (Regência). Através dessa disciplina passamos pelas duas experiências, ou seja, vamos ao nosso campo (Escola), nos apresentamos, fazemos a coleta dos dados, observamos o andamento, a logística desse campo, em seguida, nos preparamos através do nosso planejamento, para poder atuar e ser observado. Eu enxerguei o Estágio Supervisionado não como uma obrigação, e sim, como uma oportunidade pessoal, pois como os estágios vêm no final da graduação, eu já sabia o que eu queria ser; vi como uma oportunidade de me aprimorar, me preparar cada vez mais para estar em sala de aula e, embora seja de responsabilidade, o peso, a pressão é menor pois o estagiário não é uma pessoa formada, onde já terminou o seu ciclo de aprendizagem, e não é contratado.

Assim, ao mesmo tempo que o estudante vai ter contato direto com os problemas, as dificuldades, os desafios da sua profissão, essa experiência que irá viver na prática, é guiada

pelo seu professor da disciplina de Estágio Supervisionado, e por algum profissional que já atua ali naquele campo, naquela realidade. Este fato é muito importante, ajuda nas suas primeiras experiências, e, como já dito, por não ser o profissional contratado e sim um estagiário, caso algo dê errado, as consequências vão ser bem menores, e você pode corrigir. Sabemos que depois de se formar, há uma grande dificuldade de se arrumar o primeiro emprego (na maioria das vezes), então ao se ter um bom desenvolvimento no Estágio, sendo pontual, mostrando comprometimento, quem sabe as portas não se abrem?

Os professores como seres humanos se constroem em sociedade, ou seja, em ambientes sociais tais como família, na Escola, na Universidade e, posteriormente, na Escola como profissionais; esta construção é permanente e acontece nas mais diversas relações sociais. Especialmente, no aspecto profissional onde fazer-se é inteiramente social e acima de tudo humanizador.” (AGOSTINI; PAIM, 2006, p.189).

As disciplinas de Estágio na UEPB propõem experiências nos Ensino Fundamental e Médio, em turmas convencionais e na EJA, compreendidos em quatro etapas: Estágio I – Observação Fundamental II; Estágio II - Regência em Fundamental II; Estágio III – Observação em Ensino Médio; e Estágio IV – Regência no Ensino Médio. Aqui, as reflexões são sobre as atividades desenvolvidas, de forma reflexiva, no Estágio Supervisionado Obrigatório II - Regência, quando devemos ministrar aulas junto a professor/a da escola. A professora de História que me acolheu foi Priscila Araújo.

Antes da Regência, temos que destacar a necessidade da observação do ambiente escolar, quando levantamos as informações, vamos na escola, acompanhamos o andamento das aulas. Essa etapa é muito importante sim, pois não vamos jamais chegar em um ambiente desconhecido (já que não trabalhamos no local ainda), e já impondo nossas ideias, nossas vontades como se soubéssemos de tudo. Antes de partir para a parte prática, têm-se realmente de levantar alguns dados, colher algumas informações, pois o estagiário ainda está no processo de graduação, e não pode jamais chegar em um ambiente pensando que vai mudar o mundo do dia para a noite, sem estabelecer um necessário diálogo com os profissionais do campo em análise.

No Estágio Regência, esse a que se refere esse trabalho, tive que atuar pesquisando, planejando aulas, debatendo com quem me recebeu: o que seria conveniente/importante falar ou não com os alunos em sala de aula; entender como é que funciona toda a logística (desde os assuntos, até as ferramentas) de uma aula, todo o processo até chegar nos alunos. Nós estagiários, temos que chegar com o máximo respeito possível, e educação também; é necessário conhecer o entorno da escola (localização, ambiente, comunidade), e dentro dela

(Professores, funcionários, alunos). A partir dessa pesquisa, eu, como estagiário, vou poder entender como é que as coisas funcionam neste local, ou seja, a partir desses dados, vou perceber a relação comunidade-escola, e vice-versa, e ver como que de fato as coisas acontecem nesse. Portanto, quanto mais humilde eu puder ser, e chegar no ambiente escolar, melhor.

Como minha observação e Regência foram em salas de aula da EJA, faz-se necessário aqui, levantar uma pequena discussão sobre essa modalidade de ensino. Levando em consideração que a modalidade passou por muitas mudanças, desde a República de Vargas, é importante mencionar, por exemplo que, já no ano de 1934, foi mencionado a necessidade de criar o primeiro plano de educação no Art. 150 da Constituição Brasileira de 1934, que estabeleceu a educação como dever do estado, determinando que o governo deveria oferecer um ensino gratuito e integral a todos, inclusive aos adultos que não puderam concluir os seus estudos no ensino regular: “a) ensino primário integral gratuito e de frequência obrigatória extensivo aos adultos”.

Os anos 40 pode-se dizer que foram determinantes para a Educação de Jovens e Adultos, quando se iniciaram campanhas nacionais voltadas para esses alunos. Em 1947 surge o SNEA (Serviço Nacional da Educação de Adultos), e junto com ele ocorre a primeira Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), e neste ano ocorre o primeiro Congresso Nacional de Educação de Adultos. Entre os anos de 1958 e 1961, ocorre a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA), que intensifica ainda mais os trabalhos voltados para o público da EJA, o que tornou a percepção do ensino de Jovens e Adultos mais popularizado com ideais de cunho libertário. Paulo Freire, símbolo desse movimento da educação para libertação, nos ensinou a importância de educação com/para o povo, inclusive jovens e adultos, das pessoas menos favorecidas, tendo a educação como caminho para a libertação. Contrário a “educação bancária”, ele propunha uma educação crítica e consciente do povo, onde o conhecimento fosse construído junto com os estudantes – no caso jovens e adultos – “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria construção e produção.” (FREIRE, 2010, p.47).

É importante destacar que na década de 60 houve também alguns movimentos regionais de educação de adultos, como por exemplo o SIREPA (Sistema Rádio Educativo da Paraíba), que objetivava promover a educação dos jovens e adultos através do rádio; durante 10 anos, entre os anos de 1959 a 1969, esse sistema de ensino foi muito utilizado em diversas regiões do país.

Com o golpe militar de 1964, o ideal de uma educação libertária foi suprimido, foi quando em 1967 surgiu a ideia do MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), que tinha um cunho de ensino mais técnico, esse movimento foi implantado na prática de 1970 até 1985, quando ocorreu o fim da Ditadura Militar no Brasil. Em 1985, surgiu uma iniciativa do Ministério da Educação chamado de Fundação Educar, que tinha por proposta a redemocratização do Ensino de Jovens e Adultos, porém ela durou apenas 5 anos no país.

Já no ano de 1996, foi promulgada a Lei N° 9394/96, a chamada nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), onde se reafirma a necessidade de uma EJA gratuita, que garanta o acesso e permanência do Jovens e Adultos nas escolas públicas. Em 24 de Junho de 2005, o decreto N° 5.478, lança o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na modalidade EJA, que visava aperfeiçoar profissionalmente os alunos do Ensino Médio da EJA. A partir do dia 13 de Julho de 2006 (ano seguinte), com o decreto N° 5.840, o programa foi ampliado para toda educação básica e passou a se intitular PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica no EJA). Ou seja, podemos notar que a modalidade passou por diversas modificações ao longo dos anos, e provavelmente ainda vai passar (espero que para melhor).

Entender o processo de avanços e retrocessos na formulação das campanhas, projetos e programas de alfabetização de jovens e adultos que tramitaram ao longo da história da educação brasileira é refletir sobre a ideologia contida nesses programas oficiais. É também, procurar entender a história institucional da educação popular no Brasil, mergulhando na compreensão de todos os mecanismos formais e ocultos que atuaram e ainda vêm atuando nos caminhos políticos que direcionam tais políticas. (OLIVEIRA, 2007, p. 245).

Os rumos e a organização da Educação de Jovens e Adultos sempre estiveram no centro das discussões dos movimentos sociais, posto que, é uma luta significativa para a democratização da sociedade, embora alguns governos, como o Militar, não nutrissem muito interesse por este modelo de educação libertária destinada ao povo.

A EJA é uma Política Educacional/Pedagógica, que ajuda demais as pessoas (principalmente os que trabalham) a terminarem seus estudos, que incentiva as pessoas a voltarem para a escola, buscar conhecimento, e não só isso, mostra como essas pessoas querem mudar suas vidas. Porém esta modalidade precisa de um olhar especial.

Segundo a Legislação Brasileira, a Educação é um direito de todos, e se der tudo certo, todos nós vamos ingressar aos 4 anos de idade na educação obrigatória e vamos concluir o ensino regular por volta dos 17 anos. Mas, se isto não der certo? Se por qualquer motivo se

teve que abandonar ou sair da escola antes da conclusão da educação básica? Você tem o direito de retornar em algum outro momento seus estudos?

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade própria, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames (BRASIL, 1996, p.27833-27841).

Segundo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), pode-se sim retornar aos estudos por meio da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), que tem como público-alvo, os alunos insuficientemente escolarizados. Também é importante a gente citar que a EJA, vai garantir a ideia de escolarização ao longo da vida, e é por isso que ela é tão necessária. Mas a partir de qual idade se pode matricular em um curso, ou série da EJA? Para se matricular no Ensino Fundamental (o caso desse estágio), a pessoa deve ter uma idade mínima de 15 anos. Quanto ao Ensino Médio, a partir dos 18 anos. (O § 1º do art. 38 da LDB).

Quanto às metodologias ou Práticas Pedagógicas, a alfabetização por exemplo, utilizará os mesmos métodos para adultos e para crianças de 6 anos? A lei prevê essa situação e ela é contrária a esse tipo de prática, ela propõe que o ensino será adequado, apropriado para a idade. Na prática, isso significa que todos os profissionais que vão atuar na EJA, devem reconhecer as características e interesses dos adultos e jovens que vão estar matriculados em seu curso, e adaptar as aulas para seu público-alvo.

Na Escola em que fiz meu Estágio, isto foi notório, pois a maioria dos alunos vinha de um dia a dia muito exaustivo, de uma realidade de pais e mães de família, ou seja, trabalhar para buscar o seu pão de cada dia e dos seus. Nesse caso, os professores têm que ter um bom jogo de cintura para poder dar aula e despertar a vontade e o interesse no aluno, em voltar para a escola no outro dia, caso contrário, a evasão escolar que já foi grande, devido ao período de Pandemia e o Pós-pandemia, seria maior ainda. Os professores tentam trazer atividades em que eles participem, por exemplo, o que eu observei foi o Jogral, atividades em que eles participam juntos (trabalhos em grupo), teve um bingo uma vez também, tudo isso para que os alunos não deixem de frequentar as aulas.

O Professor precisa levar em conta a especificidade dos alunos da EJA, seu perfil socioeconômico, cognitivo e afetivo. Jovens e adultos têm vivências particulares, pois muitos deles estão vinculados ao mundo do trabalho ou buscam nele uma colocação. Já tem ideias e percepções sobre o mundo atual, e possuem uma bagagem sociocultural significativa. Essa vivência maior, porém, pode revelar ideias mais



arraigadas, ou seja, menor disponibilidade para questionar, valores e informações já interiorizados.” (BRASIL, 2002, p.110).

A EJA tem como formato a divisão por Ciclos, sendo os Ciclos I e II, as turmas dos alunos que estão em processo de alfabetização, Ciclo III, que corresponde as turmas de 6º e 7º anos, e Ciclo IV, correspondendo aos 8º e 9º anos respectivamente. Os alunos estudam o 1º semestre do ano assuntos de uma turma e o 2º semestre assuntos da outra turma, ou seja, ele é semestral. A questão da EJA é que deve ser valorizada, e eu já demonstrei aqui o meu respeito por essa Política Pública (modalidade), pois querendo ou não, ajuda demais as pessoas a continuarem os seus estudos, a buscarem conhecimento e ir em busca de talvez mudarem suas vidas, melhorar.

Eu particularmente, já tive experiência de trabalho com EJA (já tive oficinas de robótica e informática), sei como é que funciona o sistema. Até hoje eu ainda peno bastante para continuar estudando. Com relação a faixa etária dos alunos, a maioria tem mais de 30 anos; com certeza passa o dia trabalhando ou cuidando de suas casas e famílias, e tem uma minoria de faixa etária abaixo de 20 anos que pelo que vi ali, querem sim e tem condições de concluir seus estudos.

Essa importante modalidade, merece um olhar mais humano, um tratamento com menos descaso (este sendo gritante), sem preconceitos, pois sempre vem ajudando as pessoas a continuar estudando. Pode se fazer sim melhoramentos, no que se refere, por exemplo, ao material didático escasso e não direcionado para essa modalidade. Assunto que tratarei mais adiante. As escolas precisam de um apoio estrutural, enfim, merecem com certeza um outro tipo de olhar, e eu, futuro educador pretendo fazer minha parte, abraçando e defendendo a EJA.

Sabemos que a Escola Pública atende justamente aos menos favorecidos. Em nosso país são poucos os exemplos de Escolas públicas que atendem a Elite ou classe média. Aqui na capital nós temos até alguns exemplos (EMEF Anita Trigueiro do Valle, no bairro Altiplano Cabo Branco, EMEF Aruanda, no bairro Bancários). Então, acredito que seria bastante necessário, um maior cuidado com a Escola, e principalmente com a modalidade, pois além de estimular as pessoas a continuarem seus estudos, também atrairia maior público a escola.

Com relação ao ensino de História na EJA, sempre é bom se ter respeito pelos saberes vividos, pelas experiências e pelas motivações internas que integram a autoestima desse segmento populacional. Ao falar com os alunos a respeito da História e que ela faz parte de nosso dia a dia, reforçamos uma postura reflexiva a respeito da importância do processo de

transformação que a humanidade sofre. Nesse sentido, uma de minhas preocupações foi perceber como os alunos percebem o ensino de História em seu cotidiano escolar. Seria o aprendizado de história, significativo?

Segundo o historiador Caio César Boschi, a razão principal de se estudar História é de dar um sentido a vida do homem, o que é algo mais do que necessário na atualidade; é preciso em alguns casos despertar, em outros estimular o senso crítico, porque a realidade as vezes, se não estivermos atentos, obscurece o que nos interessa, que é o que está por trás do factual, ou seja, da aparência. O cientista social, no caso, o historiador não tem o papel de concordar, e sim questionar, instigando a interpretação/acesso daquilo que nos é embargado, vedado.

Fundamentalmente História é uma forma de compreensão da vida, é dar sentido, e acima de tudo é perceber como as coisas se passam, para que a gente não tenha essa condição de naturalizar as coisas. Ou seja, a História é um instrumento de desnaturalização de tudo aquilo que nos acontece das ações ao nosso redor, e também de perceber como essas ações se fazem, ou se desenvolvem, na medida em que a noção de processo é essencial na História. O papel da História é de esclarecimento, de interrogação, para que as nossas perplexidades, que já são tantas, possam ser explicadas, ou seja, a História como nenhuma outra área de conhecimento, nos propicia ferramentas que possam explicar e nos fazer compreender essa realidade. Nós não temos que estudar a História na sua inteireza, e nem conseguiremos, pois ela não está totalmente reconstituída. A História é sempre uma aproximação, e não uma reconstituição do passado, é uma forma de se aproximar do passado, e mesmo essa aproximação é parcial, ou seja, não tem uma totalidade. Uma das muitas coisas que o historiador não deve fazer é concordar, uma das condições primárias é sempre desconfiar, as coisas não são como estão na aparência, muito pelo contrário, a aparência dificulta o entendimento.

Os fatos e, em última instância, a própria História, são únicos e irreversíveis. O que muda são as interpretações e versões sobre os fatos. Conseqüentemente, em história não existe “se”. O conhecimento histórico pressupõe realidades efetivas e fatos concretos. (BOSCHI, 2007, p. 31).

Então, para o conhecimento ser significativo, para que a história tenha essência para a vida, o seu ensino precisa se relacionar com o conhecimento do aluno, seu universo, para poder contribuir para ampliar fronteiras sobre o mundo. Essa discussão estará presente no próximo tópico deste trabalho.

### **3. O ESTÁGIO: a experiência e seus desafios**

A vida de professor não é fácil; além do baixo reconhecimento do trabalho, da baixa remuneração, às vezes se passa por experiências complicadas e desagradáveis em nossos ambientes escolares. Já penso nessas questões como futuro professor que conhece um pouco do ambiente escolar, e que já teve algumas experiências em sala de aula. Eu não poderia jamais, sair criticando o pessoal da escola, que me recebeu muito bem, me acolheu de uma forma muito legal; posso dizer que me senti muito bem com todos eles, me deixaram a vontade para perguntar, fazer minha pesquisa, minhas observações, e dar as minhas aulas sem nenhum problema.

A Escola onde estagiei é composta estruturalmente por, 1 Ginásio Poliesportivo, 1 Sala de Vídeo (Auditório), 1 Biblioteca, Direção, Sala dos Especialistas (explicar em nota de rodapé), sala dos Professores, secretaria, refeitório, banheiros (alunos separados dos Funcionários da Escola), e 8 Salas de Aula. Sendo uma escola que tem o funcionamento diário nos três turnos, se divide na seguinte composição; Fundamental I durante a manhã, Fundamental II a tarde, e EJA durante a noite. O corpo de funcionários é formado pela Direção (1 Diretora Administrativa e 1 Diretor Pedagógico), Secretaria, e professores em um número entre 40 e 50 Professores, sendo eles “Polivalentes” para o Fundamental I, e de todas as Disciplinas para o Fundamental II e EJA. Quanto ao corpo discente, compreende uma média de 400 alunos matriculados nesses três horários. Com relação a EJA, as aulas têm o seu início às 19:00 horas e finalizando às 21:30 horas. Naquele momento, as aulas na EJA nessa escola, estavam com as seguintes turmas, Ciclo III e Ciclo IV A e B, além do Ciclo I e II, que são as turmas que precisam ser alfabetizadas. Os alunos podem ser matriculados na EJA a partir dos 15 anos de idade com autorização dos pais ou responsáveis.

A EMEF Duarte da Silveira é uma das poucas escolas do município que tem a EJA, e como dito antes, por ter uma localização próxima de onde resido, e trabalho, fiquei bastante feliz com essa oportunidade de Estágio e me sinto muito agradecido; agradeço de coração a própria escola por entender e me acolher sem nenhuma restrição. Então, por esse motivo de trabalho, só tive condições de fazer o Estágio no turno noturno, o que não foi para mim, demérito algum, muito pelo contrário, acredito que foi até melhor, pois já havia tido experiência com EJA e foi muito tranquilo, pois o alunado da EJA, já tem uma personalidade, um amadurecimento, ou seja, já tem um entendimento mais dinâmico e eu penso que o trabalho acaba fluindo de uma forma melhor.

O Estágio teve início no segundo semestre de 2022, e o seu término foi no dia 23/11/2022. Devido a questões eleitorais, a escola foi entregue ao Tribunal Eleitoral, tendo suas atividades paralisadas por dois momentos, no primeiro e segundo turnos da eleição. O tempo de Estágio foi durante o segundo semestre, como dito, compreendendo desde os primeiros contatos com a escola e a observação do ambiente escolar. Quanto à Regência propriamente dita, ao todo foram 9 encontros, sendo desenvolvidas entre os Ciclos IV – A e o B. Como já dito, eu fui muito bem acolhido, primeiramente pela Gestão da Escola, Professora Marqueline (Diretora Pedagógica), e Leonardo (Diretor Administrativo), onde me apresentei formalmente, expliquei que sou aluno do curso de História na UEPB, disse que era da Cidade, e que era das proximidades, embora não morasse no bairro onde estava a escola. Logo de cara, fui tranquilizado por ambos com relação a questão de violência na região. A professora de História, Priscila Araújo, me deixou à vontade para ministrar as minhas aulas, fez questão de me apresentar às turmas da EJA, explicar o “porquê” da minha presença na escola naquele momento. Em nenhuma circunstância se mostrou incomodada com a minha presença na aula, nem ela e nem os alunos. Foi uma experiência muito inovadora, muito produtiva para minha pessoa.

Me apresentei aos alunos, falei do momento em que estou na Graduação, disse que estava ali pois é um momento de experiência no curso, onde devo ir à escola acompanhar, ver como funciona o ambiente escolar, como é a relação comunidade/escola, professor/aluno, funcionários/comunidade, promovendo um “pontapé inicial” na minha trajetória como futuro professor. E que em seguida eu iria ministrar aulas junto a professora Priscila, e que não estaria ali para criticar ninguém, nem aluno, nem professor, nem funcionário, ninguém mesmo, e sim estava ali para aprender mais e somar.

Logo nesses primeiros contatos, fui questionado por um aluno o porquê de querer ser um professor de História? Respondi que sempre gostei muito, por ser uma área muito abrangente, por ser sempre muito curioso, por ter tido bons professores ao longo da vida; acredito eu futuramente também ter condições de ser um bom professor, e de também ajudar a formar futuros professores. E, depois que iniciei a graduação, tive a certeza da importância do ensino de História; é preciso se mostrar, principalmente para o alunado, que estamos sempre fazendo história, é tudo uma construção, que nasce junto conosco, e vai se perpetuando, através das nossas experiências, nossas vivências, e tudo que passamos em nosso dia a dia, no nosso cotidiano. Então pretendemos sim, sempre estar na luta, jogando a favor da educação.

Também questionei aos alunos sua concepção sobre História. A maioria dos alunos concordou que, estudar História é apenas estudar o passado, uma vez que as aulas sempre

voltam aos mesmos assuntos – assuntos repetidos – como se eles precisassem repetir para compreender e ir para outra etapa. Os conteúdos foram retomados/revisados algumas vezes, até se perceber que eles tenham entendido. Ou seja, o ensino ainda de forma tradicional e voltado para trás.

É notório, no espaço escolar, o hábito arraigado entre os professores, no ato de planejamento e elaboração de programas de estudo, utilizarem-se da cronologia tradicional, tendo preocupação demasiada com o aspecto conteudista<sup>3</sup>. Em decorrência, tanto alunos quanto professores, praticamente, não chegam a estudar situações históricas atuais, reais e próximas às vivências de ambos. Enquanto o mundo acontece, observa Miceli (2002, p.33) "[...] a história [...] parece voltar-se para trás, sustentando-se numa sucessão de mortos-famosos, acontecimentos distantes e sem relação com a vida do estudante". (ECCO, 2007, p. 126)

### 3.1. A Experiência como possibilidade – Uma Narrativa Reflexiva

Então o que ficou nítido, foi a questão da concepção por parte do alunado, de que a disciplina de História é sempre a ciência que estuda o passado. Acredito que uma das razões para que essa concepção permaneça entre os estudantes, é que ainda a História é ensinada sob abordagem Tradicional na maior parte das escolas brasileiras. Esse ensino apresenta uma concepção de tempo linear e uma visão eurocêntrica e elitista - no sentido de uma versão das camadas dominantes - dos acontecimentos. Um ensino desenvolvido por aulas expositivas, não dialogadas sobre temas sem vínculo com a vida daqueles que estudam, nas quais o professor entende que seu papel é apenas transmitir conhecimentos aos alunos.

Nesse sentido, é uma História ensinada como algo “decoreba”, que se restringe à memorização de acontecimentos ou fatos imutáveis que aconteceram no passado, dando preferência para grandes personalidades/ “heróis” pertencentes ou vinculados as classes dominantes, como se no processo histórico não houvesse contradições, conflitos, resistências das classes subalternas. Além disso, me parece que o professor fica muito preso ao livro didático, e limitado a assuntos muitas vezes determinados externamente, ou seja, desvinculados das pessoas, dos alunos que compõem uma sala de aula.

Acredito que essa visão de História por parte do alunado precisa ser mudada, pois a História não é a ciência do passado apenas, é também do presente, é uma ciência contínua, mas não é só isso, é como diz aquela música: **“Há detalhes no passado, que interferem no presente e o futuro é sofrer.”** (Eu estou sem amor. Dorgival Dantas, 2014). Essa

referência musical na verdade, remete ao que BOSCHI nos revela sobre a história; processo no tempo, o presente é também passado. Presente e passado são indissociáveis, por isso, importante conhecê-lo. Ou seja, continuo vivendo e aprendendo mesmo, sempre.

Se faz necessário conscientizar os alunos e contribuir para que compreendam que a forma como nos relacionamos uns com os outros e como influenciemos e agimos no meio em que vivemos, são responsáveis pela construção contínua da sociedade e que ela se modifica constantemente. Ou seja, a questão do ser humano, na sociedade, e que ele produz história, quando falamos em História não é apenas a do livro. Foi nesse sentido que busquei planejar minhas aulas a serem ministradas junto à professora Priscila.

Planejar é pensar.

O Planejamento é um processo que exige organização e sistematização de ideias tendo em vista a tomada de decisões em prol da garantia da eficácia e da eficiência de uma ação, seja qual for a esfera de tal ação. O ato de planejar está presente em vários setores da vida social. Do ponto de vista educacional, podemos afirmar que o planejamento é um ato político-pedagógico posto que é detentor de intenções. Tal intencionalidade expõe o que desejamos realizar e o que pretendemos atingir. (AZEVEDO, 2013, p.5).

Nas aulas de História, um objetivo importante é formar cidadãos/ãs capazes de refletir sobre diferentes experiências humanas em diferentes tempos e espaços, para que possam ter parâmetros para compreender a sua história.

Isso imputa ao profissional da docência, a necessidade de definição de princípios teórico-metodológicos. Estes farão parte da organização da aula de todo docente. [...]. Ao pensarmos no trabalho escolar executado a partir da disciplina História, essa intenção torna-se mais específica e explícita no que se refere à formação de um tipo de pessoa em uma sociedade”. (AZEVEDO, 2013, p.5).

Foi sob essa perspectiva de formação cidadã que pensei minhas aulas na EJA, cujos principais temas foram Cultura como construção social e histórica, e a Escravidão no Brasil. E Bullying de uma forma mais geral.

Em um primeiro momento eu fiz uma dinâmica com os alunos para poder me aproximar deles e conseguir um diálogo melhor. Foi a “dinâmica do pirulito”, que propõe trabalho em equipe. Essa dinâmica consiste em dividi-los em duplas, e distribuir um pirulito para cada integrante da dupla. Coloquei um de frente para o outro com os pirulitos erguidos em uma das mãos e disse: “Abram o seu pirulito, sem usar a boca e sem usar a outra mão”. Fatalmente, nenhum teria condições de fazê-lo sem a ajuda de sua dupla, ou seja, um teve que

abrir o pirulito do outro. Assim, possibilitei perceberem que necessitamos uns dos outros em sociedade. Posso dizer que acabei por chamar a atenção da turma ali, ou seja, ganhei a turma. Essa dinâmica abriu caminho para desenvolver o que planejei a partir do diálogo com a Professora, quando combinamos uma aula sobre Cultura.

A partir de algumas leituras, destaquei alguns pontos e levei para a aula. Os objetivos dessa aula foram: conhecer diversas situações do dia a dia como atitudes, hábitos e costumes herdados de familiares como, por exemplo, pais e avós; reconhecer que todos somos reprodutores e produtores da história; conhecer a própria história e a da sociedade em que estamos inseridos. Assim, a questão trabalhada foi o que foi aprendido com a família, qual a cultura dos familiares. A ideia era que eles percebessem que fazem parte da história. Mostrar a história também como presente. Então, a atividade proposta foi sobre a História de vida deles.

Na metodologia desenvolvida, os alunos levaram diversos tipos de imagens, como recortes de revista e material impresso que representavam situações do dia a dia de décadas anteriores e da atualidade, para perceberem as mudanças através do tempo, como por exemplo, como era a cidade onde eles cresceram ou moram, o comportamento das pessoas antigamente e atualmente, o que se tem de novo com relação a Patrimônios - o que melhorou, e o que está por melhorar (no ponto de vista deles). Ou seja, foi trabalhado a História com esses alunos a partir de suas vidas. Finalizando com a questão: Qual seria a História da vida deles?

Nessa aula os alunos participaram bastante, eu contei com essa interação através da metodologia do diálogo, a respeito das características encontradas em cada situação apresentada. O objetivo era que entendessem que tudo vai se modificando com a História, no tempo; o ser humano é produtor de história, então com o tempo vai modificando muitas coisas. Como metodologia, eu compartilhei algumas falas (infelizmente não pude compartilhar imagens), sobre Cultura Material e Imaterial de alguns anos atrás e atualmente. Ou seja, a comparação das Culturas Material e Imaterial, das diferentes épocas. Assim, eu conversei sobre as mudanças visíveis no local, nas pessoas, usos e costumes da época anterior e comparando-a com a atual. Por exemplo, na questão da localidade, todos concordaram que teve muitas reformas, algumas construções de Patrimônio (citaram as Estações, Ciências e das Artes), e reformas (Busto de Tamandaré, e Lagoa), em relação as pessoas e aos usos, muito se falou da questão das vestimentas, que mudaram tanto no preço (ficando mais acessível), quanto na questão de moda (o que seria moda no passado, hoje em dia já não é tanto).

Essa discussão se deu através de questões, como: Como era a cidade naquela época e como está agora? Qual era a forma de se vestir ou tendência naquela época e agora? Dentre outros. Basicamente a partir da história deles e de seus lugares, a ideia foi ajudar aos alunos identificar diferenças de épocas, eles descreveram falando as características de cada época específica. A grande participação dos alunos em meio a apresentação e a conversa sobre o assunto em questão me deram um retorno importante. Quais conhecimentos a respeito do assunto eles possuíam? Qual o ponto de vista dos alunos após falarmos sobre a construção contínua da sociedade e que ela se modifica constantemente? Então a avaliação foi feita por meio da observação, da interação entre os alunos, enfim. Foi muito produtivo para mim, pois vi todo o esforço por parte do alunado em interagir (todos participaram), gostaram dessa aula, conversaram bastante, trouxeram seus apontamentos, até algumas frustrações (Professor também tem um lado Psicólogo, isso é interessante).

Quando falamos em história criada pelo ser humano, estamos nos referindo a capacidade do sujeito construir cultura, passar essa cultura de geração a geração, costumes, enfim. Em uma de minhas aulas, eu trouxe justamente essa temática: “CULTURA”; onde falei do processo que tornou o Brasil hoje em um país multicultural, que não tem uma cultura apenas, começando de fato na colonização, e trazendo consequências até a atualidade. Aqui se evidencia, por exemplo, a questão da cultura negra ou afrodescendente em nossa sociedade, que deve ser conhecida e valorizada como parte de nossa cultura, nosso cotidiano como será discutido no próximo tema.

O objetivo junto aos alunos, foi fazê-los entender, que a História, é conhecimento elaborado ao longo do tempo, e esses conhecimentos são baseados nas experiências, nas transformações do homem na sociedade, no seu tempo de vida, é justamente o que nós estamos fazendo agora, na pós-pandemia, quando mudamos muito o nosso cotidiano, inclusive escolar. Nós estamos nos readaptando, porque a vida nos impôs, que redirecionássemos as nossas atividades, as nossas ações, devido justamente a essa Pandemia que se passou. Então, esse conjunto de conhecimentos históricos é de suma importância para que nós seres humanos, possamos entender e resolver os nossos problemas. É considerável saber que a História como experiência, sempre existiu, nós seres humanos sempre a fizemos, e continuaremos a fazê-la enquanto vida tivermos.

A História como narrativa e criação de conhecimento, se faz necessária para nossa sociedade pois ela nos dará um direcionamento, nos faz compreender o presente, e nos dá possibilidade de planejamento de futuro; compreender o presente, e pautar as nossas ações naquilo que os nossos antepassados já descobriram, já tiveram experiência, já vivenciaram.



Temos que fazer os alunos entenderem que a História é também o estudo do passado humano, ela serve pra entendermos o presente, ou seja, partimos do presente, para entender o que o ser humano já fez, e a partir de toda essa experiência, possamos evitar os mesmos erros, e tirar uma diretriz para o futuro, calculando o que dá pra fazer a partir dessa realidade que nós temos.

Enfim, propus esse tema para tentar fazer os alunos perceberem que a história é cultura, não é só estudo do passado, que é construída por nós quando construímos nossa cultura, nosso mundo, nossa forma de viver, e pensamos sobre ela. Espero ter contribuído.

O segundo tema foi sobre a Escravidão. A fonte didática por mim utilizada foi o Livro: “História, Sociedade e Cidadania” de Alfredo Boulos (este sendo para turma regular do 9º ano). Aqui ressalto a problemática da disponibilidade do material didático, o acesso dos alunos a fontes de leitura. Mesmo que de forma precária, acabamos superando isso. Não pude utilizar o instrumento de exposição de slides, pois a escola não tem Datashow; foi tudo tratado através de questões prévias, no diálogo mesmo. Tratei um pouco das Leis do processo de abolição e suas consequências. Aproveitei a semana da Consciência Negra para falar sobre a importância dessa consciência identitária, ao nos referirmos sobre os sofrimentos na trajetória das pessoas negras no Brasil, do significado da data, de toda a logística que estava por trás do movimento.

Iniciei falando que a vinda de africanos para as américas representou o maior êxodo forçado da humanidade (o Brasil recebeu cerca de 6 milhões de africanos), toda essa gente foi obrigada a trabalhar em lavouras de cana-de-açúcar e café, em minas de ouro e diamante, como serviçais domésticos. Foi o trabalho forçado dos africanos que sustentou os lucros dos latifundiários e fazendeiros, garantiu os produtos para exportação, criou e educou os filhos dos brancos, ou seja, a economia brasileira cresceu completamente dependente do crime da escravidão. Então eu tentei mostrar aos alunos que, realmente para se chegar de fato na Abolição da Escravatura, não foi do dia para noite, houve um grande processo que durou bastante tempo, e que veio através de algumas Leis (tais quais, Lei Eusébio de Queirós, 1850, Lei do Ventre Livre, 1871; Lei dos Sexagenários, 1885; para enfim chegar a Abolição, Lei Áurea, 13 de Maio de 1888).

A partir daí problematizei junto aos alunos, esse processo e Lei da Abolição, onde os escravos se tornam “Livres”, mas de fato, não. Discuti sobre o tipo de abolição, demonstrando que ele gerou um problema muito grande, pois os Negros ficaram ao “Deus dará”, pois não tinham onde trabalhar, onde dormir, e não tinham onde se alimentar, muitos deles foram

cometer delitos (roubar), e acabaram presos, inflando a população carcerária, alguns iam pra lugares longe dos centros urbanos, onde se formaram as localizações periféricas.

Sobre todo esse processo, destaquei os Quilombos, onde os negros se refugiaram desde a colônia, falando sobre o mais emblemático deles, Palmares, que existiu por mais de um século, e cresceu tanto que tinha uma economia própria, com atividades coletivas de plantio, metalurgia, criação de animais, uma vida independente do Brasil Colônia, e com certeza foi o mais atacado. Com relação a Consciência Negra, é significativo frisar, e fazê-los também valorizar, a luta principalmente de Zumbi dos Palmares, que lutou bastante em prol do povo negro (há registros de que ele discordou de uma tentativa de acordo com a coroa portuguesa, que dava liberdade aos habitantes do quilombo em troca de subserviência ao império). O fato do personagem histórico não aceitar negociar com os responsáveis diretos pela escravidão, e não admitir a ideia de lealdade há essas pessoas fala muito sobre Zumbi e liga ele diretamente ao Espírito de Luta do povo Preto até a atualidade. Assim, se tornando a figura principal dos Movimentos Negros, e por isso, esta data(era comemorada em 13 de Maio, data em que a abolição da escravatura aconteceu), se comemora no dia de sua morte(20 de Novembro), uma vez que, o 13 de Maio representa uma “Falsa Liberdade”.

Tentei fazer os alunos perceberem que o processo colonialista de transformar os povos africanos em mera ferramenta para trabalho forçado por séculos, mostra suas consequências no mundo todo, desde a exclusão econômica e a violência imposta até hoje em países como Brasil e EUA, até a marginalização de imigrantes africanos em países da Europa por exemplo. Se as bases da economia do mundo capitalista de hoje, foram criadas a partir da exploração dos povos africanos, corrigir o Racismo exige uma revisão histórica das raízes da nossa sociedade, uma reparação de um mal que vem sendo perpetuado há gerações! Nesse sentido, fiz reflexões que percebessem como as duas temáticas – cultura e escravidão e suas heranças se interligam, uma vez que a construção histórica se refere a construção cultural de uma sociedade e que os negros e sua cultura construíram a pluralidade cultural do Brasil e que somos todos importantes nesse país.

Pedi uma pequena redação, onde queria que eles escrevessem mais sobre o que eles entenderam do que falei. A forma de avaliá-los aqui foi analisando essa redação, através de uma conversa em grupo e através de exercícios. Com relação aos exercícios, os alunos se comportaram muito bem, tiveram um bom desempenho, responderam as questões sem nenhum problema. Já na Redação houve um pouco de confusão, pois pensaram que eu tinha pedido uma pesquisa, mais se saíram bem também.

Mesmo com o pouco tempo de aula, e embora não tanto de uma forma tão ampla, finalizei tratando a temática do Bullying, de uma forma mais geral possível, levando uma charge de Fabiano Cartunista para discutir sobre a importância do tema, das consequências. Então, trouxe fatos recentes do cotidiano, fatos regionais, e falei que no meu ponto de vista, o assunto tem que ser trabalhado na raiz do problema; que entendemos que seja no fundamental II, onde se tem uma transição da infância, passando pela pré-adolescência, e chegando na adolescência, mudanças biológicas e comportamentais, aqui foi mais uma conversa, não fiz avaliação, mas eles interagiram muito bem, falaram das coisas que eles passam também no dia –a –dia.

Enfim, partindo da percepção de que os temas e a forma de trabalhar história na EJA deve ser diferenciada como coloquei anteriormente, busquei tratar de temas próximos aos alunos, que fizessem sentido e que foram trabalhados historicamente.

Me chamou a atenção a forma que eles também me avaliaram, gostaram bastante das minhas aulas, participaram bastante, posso dizer que tive um *feedback* positivo por parte tanto do Alunado, quanto da Professora Regente. Acho que consegui minimamente, fazer algo com pessoas que não têm as melhores condições de estudo por passarem o dia todo no trabalho, ou na correria do dia a dia, cuidar de casa, família, gerando bastante cansaço, físico e mental. Isso querendo ou não, acaba atrapalhando, pois gera dispersão.

Por conta disso a professora tem muitas dificuldades em superar esses desafios respeitando, inclusive, o ritmo de aprendizagem dos estudantes, desenvolvendo os assuntos de acordo com isso, tendo que ensiná-los até a ler o material didático. A EJA é de fato uma modalidade escolar onde os alunos representam uma outra realidade, com essa questão toda de cansaço, dispersão. Porém, a minha experiência me demonstrou que os alunos, apesar disso, e com propostas alternativas de aulas, têm capacidade de aprendizado eficiente.

### **3.2. Desafios e Possibilidades**

Um dos desafios, é a falta de material didático para EJA, para estudo/pesquisa. Não sei se isso é uma exclusividade da escola ou do município, ou do estado, mas ali é um fato, e, nessa situação em todas as minhas aulas, como já comentei anteriormente, eu tive que recorrer ao Livro Didático de Alfredo Boulos (um livro das turmas regulares). Neste, a professora usa também para suporte das aulas, tanto para o Ciclo III, quanto para o IV, para dar acesso a alguma leitura ao alunado da EJA e fazer exercícios, e atividades, resolvendo a questão temporariamente já que as séries são correspondentes aos Ciclos.

Entendemos que o Livro Didático é uma ferramenta muito crucial para o professor e os alunos na escola, é uma ferramenta até convencional, acredito que a mais usada. Embora não seja a única, ou não deveria ser, em algumas escolas, é a única que se tem, e em outras nem essa ferramenta se tem, e isso acaba por ser um grande problema.

O autor Kazumi Munakat, em seu texto “O Livro Didático e o Professor”, faz uma análise bem interessante sobre esse tema, de como o Livro é uma fonte importante para o alunado, a forma de como se trabalhar, se usar o livro com os alunos. “O ideológico do livro didático encontra-se para além dos eventuais lapsos conceituais e éticos que possa conter, ele lhe é estruturante, na medida em que esse material é um dos dispositivos fundamentais da educação escolar.” (MUNAKATA, 2012, p. 137). No caso da EJA, o livro é uma ferramenta muito importante, mas o professor nem sempre tem isso à mão, como é o caso da escola onde estagiei. Assim, o professor tem que ter um pouco de criatividade e trazer outras fontes, como por exemplo, pode-se fazer um trabalho com Charges, pode usar músicas, filmes, vídeos, internet. É possível assim, fazer um trabalho trazendo algumas outras coisas, o problema é que as vezes é difícil o acesso até mesmo a tantas possibilidades.

Elaborei outras atividades para além do livro, pesquisei em outras fontes, principalmente na internet (na maioria das vezes é também o que a Professora Regente faz, pois se não o fizer fica bem complicado para se ter aula); mas não tive condições de utilizar minha pesquisa e preparação de materiais alternativos, uma vez que não pude utilizar slides pois a escola está faltando o Datashow; também estava sem TV no auditório, portanto não deu para passar vídeos e nem me fazer valer de outros instrumentos didáticos. Porém, mesmo assim, com um pouco de determinação e boa vontade conseguimos superar parte desses obstáculos. A escola possui biblioteca, e em determinado momento como já citei, precisei utilizar o livro didático de uma turma regular, e essa aula inclusive, foi na biblioteca.

Alguns desses problemas estruturais demoram a ser resolvidos por parte dos Órgão competentes, não sei, se pela localização da escola, ou algo do tipo, pois temos escolas localizadas em bairros mais privilegiados que recebem suporte mais rápido e até um suporte melhor.

Outro desafio nesse caso, foi que as aulas se desenvolveram em período eleitoral que, no Brasil, foi bastante conturbado. Além disso, o número de aulas que já é escasso, devido a esse momento, a escola ficou inativa e foi entregue ao TRE – PB, portanto não teve aula por uma semana no primeiro turno, e depois com o segundo turno das eleições a escola parou mais uma semana, isso foi um fator que gerou um certo “atraso” no Estágio. Para superar isso, foi necessário reelaborar o planejamento.

Acredito que o maior problema por mim identificado na escola foi a questão da evasão; não sei se por conta da Pandemia, que sabemos que trouxe muitas consequências ruins para muitas pessoas – situação agravada com outras doenças na escola -, ou por outros motivos como questão de trabalho - não é fácil conciliar com os estudos, o cansaço castiga demais – etc., ou por falta de dinheiro para chegar à escola. Houve momentos em que num Ciclo só 5 alunos estavam frequentando as aulas; em outro, havia 6, e isso foi contínuo, e não um caso isolado. Em alguns momentos houve a necessidade de juntar turmas de dois Ciclos. Talvez uma sugestão fosse buscar outras aproximações da escola com a comunidade.

Como um dos fatores de desistência por mim identificado foi a falta de interesse, eu coloco como sugestão - e não como solução, pois ainda sou inexperiente, apenas um aluno que estou tentando me graduar em História, um futuro professor - funcionário da educação - e portanto com interesse de contribuir -, organizar as aulas mais sob forma de oficinas que atraíssem mais a atenção do alunado, utilizando, quando possível, Robótica, Informática, por exemplo – caso que nessa escola é mais complicado, mas, não só isso.

Como o ambiente é muito bom, trazer mais a comunidade pra dentro da escola, isso foi uma coisa identificada, a comunidade abraça mesmo a escola (no pico da Pandemia foram distribuídas cestas básicas para as famílias dos alunos da comunidade na escola); então trazer uma Jardinagem, uma Cozinha comunitária como visto em algumas regiões, fazer uma interação comunidade/escola maior. Claro que sabemos que não é algo fácil de se fazer e nem rápido de resolver, não é do dia para a noite que se resolve, mas acredito que poderia ajudar bastante com essa questão de Evasão escolar.

Enfim, acredito que eu pude fazer, mesmo que sem as melhores condições do mundo, um trabalho que no meu entender foi positivo, tanto para mim, quanto para os alunos; tive um feedback positivo com relação ao que ali procurei desenvolver. Na minha avaliação, através de conversas, exercícios em sala de aula, além de uma redação sobre a escravidão no Brasil, foi um retorno positivo, me deixou satisfeito, aparentemente eles compreenderam o que propus.

#### **4. CONSIDERAÇÕES**

A partir dos textos estudados e também através dessa primeira experiência, sendo a partir do Estágio/Regência, tive a oportunidade de atuar nas aulas, fazendo todo um planejamento, um estudo. Essa experiência foi de suma importância para minha formação profissional como um futuro Professor em História. Tanto o Estágio Observação, como a

Regência, é de suma importância. Isso tudo nos convida a fazer pesquisas, observar pessoas, ambientes. Nunca podemos chegar num local pensando que somos os donos da razão, temos que colher informações antes de ir praticar, não vamos chegar nos impondo sem saber como é o funcionamento da situação, seja ambiente ou pessoas.

Agradeço mais uma vez a orientadora, pela oportunidade do Estágio, acredito ter dado certo; a Escola Duarte da Silveira, a acolhida; a Professora e a Direção pelo entendimento e os alunos pelo respeito, jamais esquecerei. Esse 2º Estágio – Regência -, nos coloca já para atuar em sala de aula, mas não é simplesmente isso, precisamos entender, que, tudo envolve um preparo, um planejamento, pois, não é só chegar em qualquer escola, em qualquer sala de aula, e em qualquer série, e dar aulas sem reflexão. Precisa-se de todo um sistema de logística, planejar, preparar a aula, ter entendimento que tem determinados assuntos que tem-se que ter o máximo de cuidado possível ao tratar em sala de aula, e tudo mais.

Aprendi que todo planejamento está sempre em construção, que os alunos precisam de muitas coisas, desde novas metodologias e temas, a mudança na abordagem/compreensão da História, até estrutura mínima, ainda precária. Aprendi que posso fazer algo para contribuir para que a EJA seja valorizada em seu dia a dia. Enfim, aprendi a perceber desafios, mas também respeitar o ambiente e pensar em possibilidades.

Como futuro professor, vou estar sempre a favor da educação, espero contribuir bastante, seja EJA, Fundamental ou Médio, vou sempre dar o meu melhor, a esperança é de sempre formar bons profissionais também, vamos tentar mudar essa ideia de que História estuda só o passado. Tive oportunidades com a EJA, sei que é uma modalidade importante, porém é abandonada, e acho que precisa de uma ou outra melhoria como citei, vamos aguardar o que o futuro nos traz.

Embora nem sempre se perceba, o saber histórico escolar é permanentemente construído a partir de objetivos sociais, didáticos e pedagógicos. Ainda que possamos perceber a permanência da concepção “tradicional” no ensino, principalmente, no de História, existem várias iniciativas de desenvolvimento de práticas inovadoras, numa tentativa de vencer esse tipo de abordagem. Em minha experiência, por exemplo, busquei esse caminho de romper com o tradicional.

Ficou evidente que a educação é uma forma do ser humano desenvolver as suas potencialidades no meio social e político, ou seja, do ser humano ir além, de sair de sua zona de conforto, e desenvolver sua autonomia. Entretanto, de acordo com FREITAS; SANTOS; SANTOS, não se percebem respostas que conduzam o papel da educação de jovens e adultos como sendo uma maneira de emancipar esses estudantes para a cidadania. Em minha

experiência nessa escola municipal, entretanto, há uma busca ou luta pela melhoria da EJA local, revelando que estão tentando construir, apesar de todas as dificuldades aqui citadas, ou seja, tentando, dentro de suas condições existentes, desenvolver essa autonomia a partir de aulas que incentivem os alunos, e inspirem um senso crítico, tanto para a vida pessoal, profissional ou social. Nesse sentido tentei aprender e colaborar.

## 5. REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Sandra; PAIM, Elison Antônio. **Estágio**: contribuições para a formação do professor de história. In: História & Ensino. Londrina, v. 12, p.187-202, agosto, 2006.

AZEVEDO, Crislane Barbosa. Planejamento docente na aula de história: princípios e procedimentos teórico-metodológicos. In: **Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão on-line, n. 14 (jan. – jun. 2013), Feira de Santana – BA (Brasil), jun./2013. p. 3-28. Disponível em: Acesso em: 31/outubro 2023.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Recomendações para uma política pública de livros didáticos**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BOSCHI, Caio César. **Por que estudar História?** São Paulo: Ática, 2007.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História: sociedade e cidadania** – 9º ano. São Paulo: FTD, 2009. COLTRIM, Gilberto.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** Lei Nº 9394/96. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos**: segundo segmento do ensino fundamental: 5a a 8a série: História na Educação de Jovens e Adultos/ Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 2002. Vol. 2.

CAINELLI, Marlene Rosa(orgs). **III Encontro**: Perspectivas de Ensino em História. Curitiba, Aos Quatro Ventos, 1999.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa/Rio de Janeiro, Difel/ Bertrand do Brasil, s.d.

ECCO, Idanir. **O Ensino de História**: evidências e tendências atuais. R. Ciências Humanas Frederico Westphalen v. 8 n. 10 p. 123 - 141 Jun 2007.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 41 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, Paulo. **Políticas e educação**: ensaios. 7ª. Ed, São Paulo, Vila das Letras, 2007.

FREITAS, Kátia Siqueira; SANTOS, Débora Regina Oliveira; SANTOS, Silvany Silva. **POLÍTICAS PÚBLICAS DA EJA E SUA EFETIVIDADE EM SEIS MUNICÍPIOS**



**BAIANOS.** In: **Gestão, Políticas de Formação, Inclusão e Cultura Popular**, p 256, Salvador: 2020.

JANUARIO, G. **O Estágio Supervisionado e suas contribuições para a prática pedagógica do professor.** Campinas: GdS/FE-Unicamp, 2008.

JOIA, Orlando; PIERRO, Maria Clara; RIBEIRO, Vera Masagão. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. In: **Cadernos Cedes**, ano XXI, nº 55, novembro/2001.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e Docência.** São Paulo: Cortez, 2011.

MAFUANI, F. **Estágio e sua importância para a formação do universitário.** Bauru: Instituto de Ensino superior de Bauru, 2011.

MUNAKATA, Kazumi. O Livro Didático e o Professor: entre a ortodoxia e a apropriação. In: GASPARELLO, Arlette M.; MAGALHÃES, Marcelo de S.; MONTEIRO, Ana Maria (Org.). **Ensino de História: Sujeitos, Saberes e Práticas.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2012 (p. 137 – 147).

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. In: **Educar.** Curitiba, n. 29, p. 83-100, 2007. Editora UFPR.

OLIVEIRA, Maria Olivia de Matos. Políticas públicas e educação de jovens e adultos. In: NASCIMENTO, AD., and HETKOWSKI, TM., orgs. **Memória e formação de professores** [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. (p. 240 – 156). Disponível em: <https://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-15.pdf> acessado em outubro de 2023.

PADILHA, R. P. **Planejamento dialógico:** como construir o projeto político-pedagógico da escola. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na Formação de Professores:** Unidade entre Teoria e Prática?. Cad. Pesq., São Paulo, n.94, p.58-73, agosto, 1995.

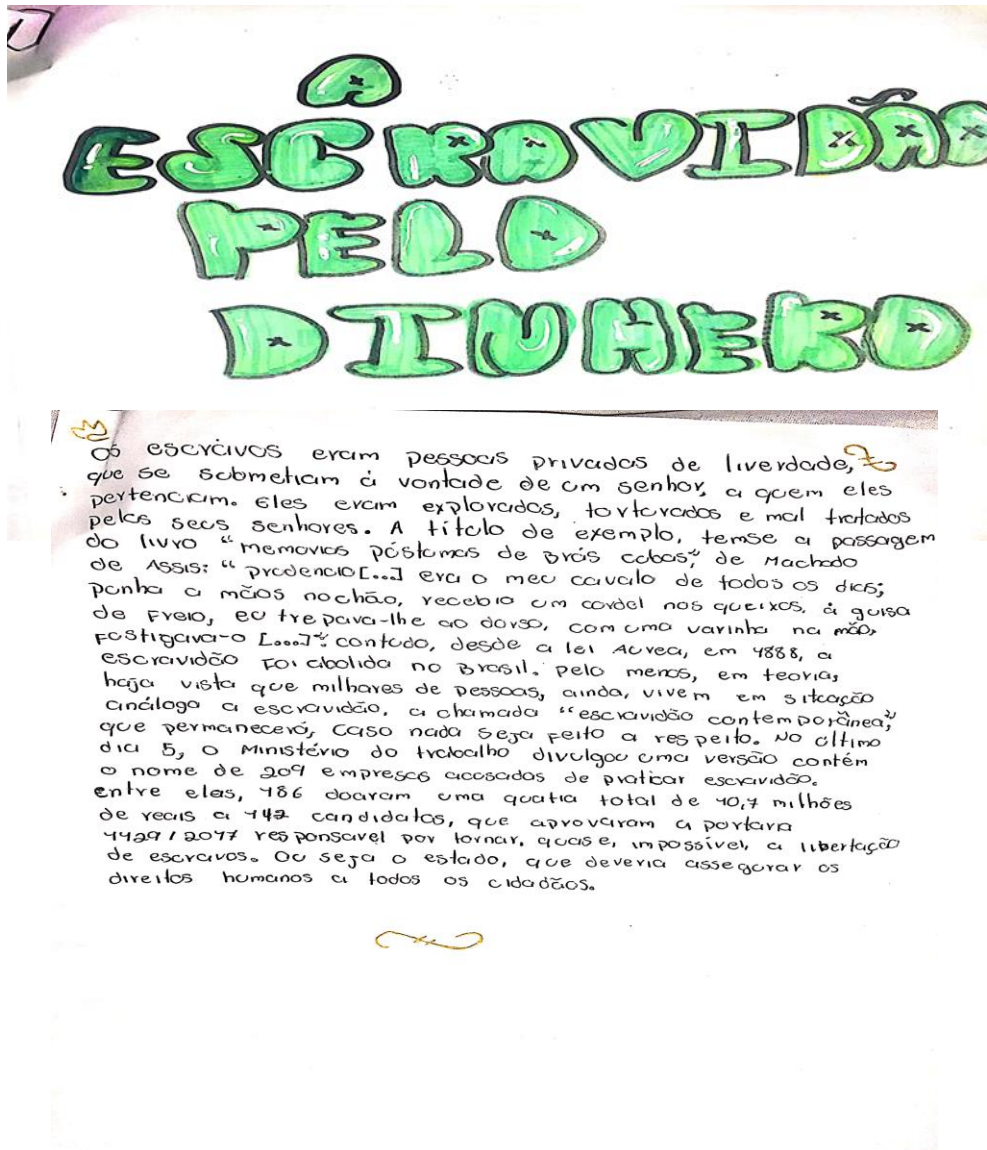
RAVITCH, Diane. **Vida e Morte do Grande Sistema Escolar Americano:** como os testes padronizados e o modelo de mercado ameaçam a educação. Porto Alegre: Sulina, 2011,318p.

**EU Estou sem amor.** Intérprete: Dorgival Dantas. Compositor: Dorgival Dantas. In: **Simplemente Dorgival Dantas.** Intérprete: Dorgival Dantas. Ano: 2014. Suporte: Duração 3:29.

Fabiano Cartunista. **Koisas da Vida.** In: <https://fabianocartunista.blogspot.com/2016/05/charge-bullying-nas-escolas.html>

## Anexos

Atividade desenvolvida por um dos alunos da turma



Charge utilizada como instrumento provocador da discussão sobre Bullying



<b>PLANO DE AULA</b>		
<b>EMEF DUARTE DA SILVEIRA</b>		
<b>PROFESSOR:</b> ONILDO LINS	<b>TURMA:</b> CICLO IV A e B	<b>COMPONENTE CURRICULAR:</b> HISTÓRIA

<b>Data</b>	<b>Tema</b>	<b>Objetos de conhecimento</b>	<b>Habilidades previstas</b>	<b>Objetivos da Aula</b>	<b>Procedimentos – Recursos Didáticos – Avaliação – Referências</b>
10/11/2022	Cultura	A questão da Multipluralidade no país, tendo em vista que começou no período de colonização. O conceito da cultura material e imaterial.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Construção de Identidade a partir de uma relação entre o trabalho, o estudo e a cultura.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender o processo de formação da população brasileira .</li> <li>• Reconhecer as características da população brasileira em diferentes tempos.</li> <li>• Reconhecer a pluralidade cultural para ser respitada</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Procedimento: Leitura</li> <li>• Recursos Didáticos: Lousa e Livro Didático</li> <li>• Avaliação: Discussão em sala de aula</li> <li>• Referências: PORFÍRIO, Francisco. “Cultura”; Brasil Escola. Disponível em: <a href="https://brasilecola.uol.com.br/cultura">https://brasilecola.uol.com.br/cultura</a></li> </ul>
16/11/2022	Escravidão no Brasil	História da escravidão no Brasil  A importância da cultura afrobrasileira	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Crítica aos Espaços de repressão à autonomia de escravizados elibertos no Brasil</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relacionar o pensamento brasileiro sobre o branqueamento o da população por meio da chegada dos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Procedimento: Leitura</li> <li>• Recursos Didáticos: Lousa e Livro Didático</li> <li>• Avaliação: Discussão em sala de aula, e uma</li> </ul>

				<p>imigrantes.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Reconhecer a importância dos negros e indígenas, e dos imigrantes na formação da identidade cultural no Brasil.</li> </ul>	<p>redação</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Referências: GRINBERG, Keila. Castigos físicos e legislação. In.: SCHWARCZ, Lilia Moritz e GOMES, Flávio(orgs.). Dicionário da Escravidão e Liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018,p.145.</li> </ul>
17/11/2022	Leis Correspondentes à Escravidão	A marginalização dos negros libertos.As conquistas de direitos pelos povos indígenas e quilombolas no Brasil A Semana da Consciência Negra	Reconhecimento da importância dos negros e indígenas, e dos imigrantes na formação da identidade cultural no Brasil.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Perceber que o fim da escravidão não garantiu direitos sociais à população negra.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Procedimento: Leitura</li> <li>Recursos Didáticos: Lousa e Livro Didático</li> <li>Avaliação: Discussão em sala de aula, e exercício.</li> <li>Referências: GRINBERG, Keila. Castigos físicos e legislação. In.: SCHWARCZ, Lilia Moritz e GOMES, Flávio(orgs.). Dicionário da Escravidão e Liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p.145.</li> </ul> <p>SILVA, Daniel Neves. “Escravidão</p>

					<p>no Brasil”; Brasil Escola. Disponível em: <a href="https://brasilecola.uol.com.br/historiab/escravidno-brasil.htm">https://brasilecola.uol.com.br/historiab/escravidno-brasil.htm</a></p>
23/11/2022	Bullying	O início do ato, junto com as consequências.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Respeito ao outro percebendo Identidade com relação a prática, ou sofrimento do ato. ???</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Identificar que nos dias atuais o tema é tratado como crime.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Procedimento: Leitura</li> <li>Recursos Didáticos: Lousa e Charge</li> <li>Avaliação: Discussão em sala de aula.</li> <li>Referências: PORFÍRIO, Francisco. “Bullying”; Brasil Escola. Disponível em: <a href="https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying">https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying</a>.</li> </ul>